



## *economia da cultura: a incorporação de Bourdieu*

### 1. introdução

Em continuidade às discussões sobre os limites e potencialidades das pesquisas no subcampo da Economia da Cultura, retomamos as contribuições de Pierre Bourdieu ao estado das artes do tema. Veremos que, embora o autor seja oriundo do campo da Sociologia, alguns itens de suas discussões podem ser incorporados ao mainstream econômico, conseguindo auxiliar uma parte das pesquisas no tema.

### 2. *campo cultural, habitus e capital simbólico: dicionário básico*

Pelo menos desde meados da década de 1970 o nome do sociólogo francês vem se destacando dentro do campo de pesquisas de práticas culturais. Não raro encontramos ao longo de trabalhos dos mais diversos campos das ciências humanas (História da Arte, Filosofia, Crítica literária) menções ao seu vasto rol de termos como campo cultural, habitus e capital simbólico. O interesse dos economistas no tema é mais recente e decorre do fato de terem sido observadas algumas potencialidades que aproximariam a argumentação bourdieana do mainstream neoclássico. Uma profunda análise sobre o autor, bem como a plena definição de seus conceitos, certamente escapam aos propósitos do presente artigo. Optamos, por tal razão, por uma breve exposição de alguns temas bourdieanos que, no nosso entender, mais vêm sendo utilizados pelos economistas no campo da Economia da Cultura.

(1) Em se tratando de suas análises sobre o universo cultural, afasta-se Bourdieu da visão idealista presente tanto na tradição alemã adorniana quanto na tradição anglo-saxônica baumoliana, ambas já discutidas em artigos passados. Chocando-se com o pensamento romântico, o acadêmico francês nega

a existência de “valores intrínsecos” de objetos artísticos, deslocando para o campo da interação sociológica o locus de formação e determinação do valor desses produtos (JOHNSON, 1993). Esse locus valorativo possui, contudo, algumas características próprias. A mais importante delas é a existência de certo grau de autonomia em relação aos demais processos humanos de uma dada sociedade. A esse corpo social autônomo dá Bourdieu o nome de campo cultural, definido, esquematicamente como um “espaço autônomo de produção simbólica, um complexo circuito articulado em diversas relações sociais, envolvendo as etapas de produção, mediação (distribuição) e consumo culturais” (*ibidem*).

(2) A plena compreensão de um campo cultural exige a reconstrução do habitus de seus diversos atores sociais. O habitus é uma das mais importantes categorias bourdieanas. Numa tentativa de tornar a explicação do conceito do termo mais acessível, define o estudioso Randal Johnson o termo como uma espécie de “senso prático”, um “rol de disposições que geram práticas e percepções, estimulando os agentes a agir e reagir em situações específicas de um modo não necessariamente calculado e, por tal razão, nem sempre obediente a regras pré-estabelecidas” (*ibidem*). Além disso, a categoria do habitus possui uma dimensão temporal, isto é, com o passar do tempo e com a sucessão dessas diversas interações, os agentes internos ao campo cultural ganham (ou perdem) parte de seu capital simbólico, entendido como uma espécie de “moeda específica” ao campo valorativo dos bens culturais.

(3) Embora autônomo em relação a outros processos humanos, o campo cultural não está isolado do

restante dos fenômenos. Por tal razão, existiriam fronteiras abertas e pontos de contato entre o universo cultural e outros segmentos sociais, dentre eles, o econômico. Disso decorre que parte do capital simbólico acumulado dentro do campo cultural poderia se transferir para o campo econômico, transformando-se em capital econômico. Para Bourdieu, contudo, essa transmissão não é perfeita ou imediata, existindo uma espécie de “taxa de câmbio” entre um tipo de capital e o outro (HERCOVICI, 1995, p.63).

- (4) Uma vez feita essa conversão, a determinação valorativa do objeto cultural sairia do universo específico e autônomo do campo cultural partindo para o mundo econômico. A partir dessa passagem, o objeto cultural (a obra de arte de um autor consagrado, por exemplo) passa a comportar-se como uma mercadoria qualquer, não mais regido única e exclusivamente pelas regras e definições internas do campo cultural, mas subordinando-se agora aos ditames do mercado e estando, por tal razão, passível de análises e inferências dos pesquisadores econômicos.

Pela leitura que até aqui fazemos de Bourdieu, concluímos que o campo de análises econômicas estaria restrito à compreensão de apenas uma parte do processo, a saber, a do momento em que o objeto cultural já não está mais sob o domínio exclusivo da esfera de determinação de valores do campo cultural.

### **3. a antecipação economicista: capital simbólico como capital humano**

Parte da bibliografia do subcampo da Economia da Cultura, contudo, busca antecipar o ponto inicial das análises para dentro do campo cultural. Isto é: assume-se que há, sim, a possibilidade de compreender, valendo-se do ferramental usual, as relações intestinas do campo cultural, determinando já aí um eventual potencial ou trajetória econômica de uma obra artística. Essa movimentação explicita-se, por exemplo, no livro *Economics and culture*, de David Throsby. O autor promove uma adaptação teórica do habitus e de capital simbólico bourdieano transformando-os em aná-

logo ao conceito de “capital humano” beckeriano. Do ponto de vista epistemológico, as consequências dessa decisão são enormes: a noção de habitus pressupõe e justifica-se a partir da existência de um meio social em eterna luta e dinamismo. Já a noção de capital humano insere-se num paradigma muito mais focado nos elementos estritamente subjetivos. Ao sobrevalorizar o sujeito em detrimento do meio social que o envolve, Throsby “estabiliza” os conceitos de habitus e capital simbólico, quase que os jogando para dentro das atribuições de um *Homo oeconomicus* (Cf. THROSBY, 2001, p.32 e cap. 3, *passim*).

Por tal razão, mesmo que o campo cultural possua sua lógica própria, interna, autônoma e não necessariamente ligada ao universo econômico, seria possível analisá-lo por um método economicista. Pesa, para tal interpretação, o fato de que Bourdieu sempre defendeu – e efetivamente realizou – trabalhos de natureza empírica, muitos deles inclusive com análises quantitativas<sup>1</sup> (GEMPERLE, 2009).

Para alguns tipos de pesquisas em Economia da Cultura o êxito de tal incorporação vem sendo alto. Exemplos de interessantes aplicações do arcabouço bourdieano dentro do campo econômico são as análises sobre o impacto de níveis culturais familiares na formação dos hábitos culturais de crianças e jovens. Outro exemplo em que as proposições de Bourdieu têm mostrado maior potencial explicativo está na análise de comportamento de mercados de produção restrita (como o de artes plásticas), onde a atuação de figuras-chave (*marchands*, leiloeiros, colecionadores etc.) se faz mais presente (HERCOVICI, *op. cit.*, p.66).

Contudo, quando caminhamos em direção a mercados mais industrializados e complexos, como o do audiovisual, o desempenho das incorporações bourdieanas tende a diminuir. Voltaremos a discutir esse tema posteriormente.

### **4. conclusão**

O artigo deu continuidade às discussões sobre o subcampo da Economia da Cultura, destacando as

incorporações que a Economia vem fazendo dos temas do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Apresentamos, de maneira esquemática, alguns conceitos centrais da tópica do autor, como campo cultural, *habitus* e capital simbólico. Em nossa leitura, o escopo das análises econômicas fica reduzido à compreensão de apenas uma parcela do processo cultural, a saber, quando o objeto deixa de pertencer exclusivamente ao domínio das forças e influências dos agentes internos ao campo cultural. Alguns autores, porém, veem a possibilidade antecipar o ponto de análise para um momento anterior, ainda no interior do campo, propondo alterações nos termos bourdieanos e viabilizando uma análise *economicista* do tema.

Tal movimento tem sido exitoso para explicar parcela dos fenômenos culturais, embora o potencial explicativo caia quando falamos de setores culturais mais industrializados e complexos, tema que será discutido nos próximos artigos.

### **referências**

- GEMPERLE, Michael. The double character of german 'Bourdieu'. *Sociologica*. Bologna: Società editrice il Mulino, 1/2009.
- HERCOVICI, Alain. *Economia da cultura e da comunicação*. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, UFES, 1995.
- JOHNSON, Randall. Pierre Bourdieu on art, literature and culture. In: BOURDIEU, Pierre. *The field of cultural production – essays on art and literature*. Cambridge: Polity Press, 1993. p. 1-25 (Prefácio).
- THROSBY, D. *Economics and culture*. Cambridge: University Press, 2001.

---

1 Já mencionamos, em artigo anterior, a importante pesquisa de 1966 conduzida por Bourdieu a respeito dos museus franceses e seu público.

(\*) Graduado em Economia pela FEA-USP, mestrando em História Econômica pela FFLCH-USP e pesquisador da FIPE. (E-mail: juliolucchesi@gmail.com).